

DISCURSO DO PRESIDENTE FERNANDO HENRIQUE CARDOSO

Trechos principais do discurso pronunciado no dia 10 de outubro, na cerimônia de formatura dos alunos do Instituto Rio Branco, em Brasília, conforme publicação em *O Estado de S. Paulo*, 11.10.2001.

Moderação –

“O apelo à razão não pode servir de pretexto para o não repúdio à ação irracional que é o terrorismo, mas pode servir de alerta para que deste repúdio não advenha uma situação negativa para a ordem internacional e a manutenção dos valores que nós aqui prezamos muito, do pluralismo e das vozes polifônicas que têm de ser ouvidas. É com esse propósito que irei pela primeira vez à Assembléia das Nações Unidas, para expressar o sentimento de todos nós. Essa oportunidade que nos abre é de tornar o ordenamento internacional mais imune ao irracionalismo, à intolerância e à exclusão. Isso implica uma reafirmação da democracia, como um valor universal, mas também que saibamos valorizar os mecanismos de proteção internacional dos direitos humanos.”

Terrorismo –

“Diante do que aconteceu nos Estados Unidos em 11 de setembro, houve um sentimento unânime, os atos terroristas provocaram a mais veemente condenação. Eu acho que eles ferem tudo o que temos de mais básico na humanidade e tudo o que caracteriza a nossa formação cultural, para não falar da repulsa constitucional, pois nossa Constituição repudia o terrorismo sob todas as suas formas e não precisamos de nenhum tratado internacional para que o Brasil tenha de se alinhar contra algo que fere profundamente nossos valores. O Brasil tomou uma posição ativa no concerto das nações do hemisfério e chegamos a invocar o Tratado Interamericano de Assistência Recíproca (Tiar), porque achamos que era preciso deixar bem claro que o terrorismo não é aceitável por nós. Pense-se o que se pensar do tratado, é o disponível e dá um marco jurídico para que nós possamos expressar o nosso repúdio.”

Paraísos fiscais –

“É o momento de impor controles maiores aos paraísos fiscais. É o momento de, na crise, aproveitar oportunidades. É uma oportunidade de certas revisões profundas da condescendência que há no sistema internacional para com o delito, esses paraísos fiscais são fontes de abrigo ao delito. Nós achamos que essa luta não é exclusiva de um país, mas de toda a comunidade internacional. Diante da reação militar que está em curso – e nós todos esperamos ardentemente que o número de vítimas seja o menor possível, mas sabemos que guerra é guerra, é horrível sempre e produz sempre efeitos negativos –, temos de refletir sobre o aperfeiçoamento dos padrões de convivência internacional. Não basta simplesmente repudiar o terrorismo, não basta uma ação muito direta, aqui no Brasil, para evitarmos que fenômenos dessa natureza possam ser aninhados por aqui, mas é preciso ao mesmo tempo uma ação pro-ativa no que diz respeito à ordem internacional para mostrar que a razão há de prevalecer.”

Autoritarismo –

“Naquela época nos víamos ligados a um Ocidente que era fictício e maniqueísta. A tendência ao pensamento binário é muito perigosa e comum: ou está comigo ou está contra mim, ou está com o bem ou está com o mal, ou está com o Ocidente ou está contra o Ocidente. Somos uma cópia do Ocidente, mas uma cópia original, e, se não percebermos essa dualidade, não vamos entender nem mesmo a nossa posição no mundo internacional e da nossa diplomacia.”

Pluralismo –

“Com a volta da democracia, tivemos melhores condições de explicitar o que nós somos, uma nação onde existe pluralismo cultural, político, étnico e religioso, cuja identidade se revela através daquilo que somos capazes de criar, de produzir e no que nós acreditamos. Isso se revela também na nossa ação internacional. O ministro Celso Lafer (Relações Exteriores) tem falado em moderação construtiva, que definia desde sempre o comportamento da diplomacia brasileira. Isso não significa falência de vigor na determinação. Nós temos de lidar sempre com uma multiplicidade de interlocutores e isso nos impõe mais responsabilidades.”

Contra a maré –

“Naquela época em que se discutia tão apaixonadamente os temas do desenvolvimento, estávamos envolvidos em um debate às vezes abstrato. A grande discussão era saber o que aconteceria com nosso continente e os países subdesenvolvidos. Eu argumentei que a despeito de tudo era possível o desenvolvimento. Na época isso era heterodoxo, eu fui a vida toda heterodoxo, acho que ainda sou. A coisa que menos me deixa ser feliz é simplesmente concordar com a maré dominante, é difícil o presidente da República não concordar com a maré dominante, mas eu continuo não concordando muitas

vezes com a maré dominante e não concordava naquela época. Nem sempre a maré dominante vem da direita, às vezes vem da esquerda, naquela época vinha da esquerda e se dizia impossível haver desenvolvimento por causa da dependência.”

Fortalecimento do G-20 –

“É um escândalo que o Banco Mundial disponha de créditos não muito maiores dos que os do BNDES do Brasil. Isso é bom para nós, porque o BNDES empresta muito, mas é ruim para o mundo um BNDES que empresta tanto quanto o Banco Mundial. O papel do Banco Mundial é pálido diante das agruras do mundo. O programa de distribuição de alimentos que tínhamos aqui no Brasil distribuía mais cestas básicas que a ONU faz no mundo e o Brasil se queixa sempre que é insuficiente, imagina o mundo. E nós vamos assistir a isso? Nós vamos assistir a mais um milênio em que os grandes problemas do mundo não podem ser equacionados por que falta sentar à mesa com força e exigir? Não é possível. Isso tudo deriva do fato de que, se a economia está globalizada, as decisões de política não estão, são concentradas e nós não podemos deixar de insistir em melhorar e aperfeiçoar os mecanismos que existem. Hoje existe outro mecanismo, o G-20, que é mais amplo do que o G-7 e o G-8 e contempla países como o Brasil e a Índia. Não há dificuldade em dar mais força ao G-20 e reconhecer que o G-7 e o G-8 nem podem mais se encontrar em paz e quando se encontram não têm condições de legitimidade para decidir questões que realmente coíbam o não atendimento de suas decisões. Por que não forçarmos mais para que o G-20 tenha mais capacidade de sugestão econômico-financeira e força de sugestão política na construção de uma nova ordem, que seja mais igualitária?”

OMC –

“É claro que existe uma ansiedade muito grande sobre o que ocorrerá com a Organização Mundial do Comércio. Estamos nos preparando para uma nova rodada de negociações. O importante é que o Brasil está firme nesta matéria. Não podemos concordar que essa nova rodada se faça discriminando, ou seja, não abrindo a discussão dos temas agrícolas, que são os temas que interessam vitalmente aos países mais atrasados e mesmo para os países emergentes, como é o caso do Brasil. Queremos sim uma nova rodada e o Brasil tem de assumir sua responsabilidade histórica, uma certa liderança, sem ter a todo instante cuidados excessivos. Nós precisamos falar mais forte nessa matéria e falar mais forte não é se recusar a sentar à mesa. Nós não podemos continuar a ter medo de sentar à mesa, nós devemos ter medo de não sermos capazes de, sentados à mesa, não sermos capazes de argumentar, de defender o interesse nacional. Não mais se defende o interesse nacional no isolamento, defende-se o interesse nacional discutindo, organizando alianças, fazendo propostas realistas e aceitando que haja um tempo para que as questões se ajustem. Mas nunca cedendo no rumo, nos objetivos.”

Taxa Tobin –

“Não podemos calar também diante das turbulências financeiras. Inúmeras vezes, e não só eu, temos alertado para os riscos da vulnerabilidade das finanças internacionais. Eu vou continuar a fazê-lo, continuaremos a fazer com firmeza. Cada vez que eu me refiro à proposta de um grande economista americano chamado Tobin (James Tobin), a taxa Tobin, uma parte do mundo vem abaixo. O meu próprio mundo, porque não é prudente. A taxa Tobin é considerada alguma coisa que pode ferir demais interesses muito fortes, mas não é só isso, ela não é prática. A taxa Tobin é a CPMF do mundo. A CPMF do Brasil os economistas não gostam porque ela distorce uma série de custos e a CPMF do mundo, além de eventualmente distorcer custos tem outro problema: ou todos a adotam ou os países que não adotarem levarão vantagem sobre os que a adotarem. É verdade, mas não deixa de ser verdade que existe um problema sério de volatilidade de capitais e não deixa de ser verdade que existe uma falta de recursos para promover o desenvolvimento em escala mundial e não deixa de ser verdade que uma pequena contribuição desses trilhões que flutuam pelo mundo daria recursos mais que suficientes para que o Fundo Monetário Internacional (FMI) possa efetivamente funcionar mais à moda sonhada por Keynes, de ser um Banco Central dos bancos centrais, portanto, prover a liquidez do sistema, assim como daria muitos recursos ao Banco Mundial para que ele pudesse ter uma ação mais efetiva na promoção do desenvolvimento e pudéssemos ver o combate a certas moléstias como a aids, que se espriam e não há recursos suficientes para que, em nome da humanidade, nós pudéssemos nos contrapor a essas tragédias. Algum mecanismo há de ser encontrado, me refiro à taxa Tobin porque ela é heterodoxa, mas eu sei que ela não pode ser aplicada. Então vamos inventar algum mecanismo que facilite tudo isto.”

Comércio internacional –

“Precisamos estar mais firmes na construção de uma nova ordem, no comércio internacional e nas finanças. A posição do Brasil nessa matéria tem sido sempre muito firme e consolidada. Ao mesmo tempo que estamos repudiando o terrorismo e dando apoio sem dúvidas àqueles que hoje têm o direito de reagir contra a punhalada que levaram nas costas – que feriram as costas de todo o mundo, inclusive de brasileiros, mas isso é menos importante, porque feriram as costas da humanidade pela violência do ato praticado –, não se pode esquecer a oportunidade de insistir nos nossos temas sobre o comércio e sobre as desigualdades que existem não só no comércio, mas no plano também das relações financeiras.”